



## O dia dos golfinhos

Quando um lindo lugar se transformou em cemitério de golfinhos, os moradores largaram tudo para salvar os animais encalhados

POR JOHN DYSON

**Os arboristas Conrad Birne** e Seth Neill desciam por uma trilha da floresta quando, por entre as folhas, avistaram Porth Creek, angra do Rio Percuil, perto de Saint Mawes, na Cornualha. E notaram algo estranho: nenhum passarinho cantava. Na beira d'água, um objeto que flutuava, emaranhado em algas, chamou a atenção de Birne. A princípio, pensou que fosse um tronco. Depois, olhou ao longo do riacho e levou um susto. Pegou o celular e ligou para a Guarda Costeira.

O telefonema, às 8h30 da manhã de 9 de junho de 2008, uma segunda-feira, provocou uma onda de atividade com o chamado dos voluntários. Jenny Haley começava a trabalhar como enfermeira veterinária em Newquay; sua colega Leanne Birtles terminara o turno da noite. As duas vestiram as roupas de mergulho e correram para o carro de Jenny. Na casinha onde administra um hospital para animais selvagens, Caroline Curtis verificou se todos tinham comida e água e seguiu para Porth Creek. O veterinário Darryl Thorpe, que passeava com o seu fila num campo perto de Looe, pegou a maleta. Em Hayle, o orçamentista de obras Dave Jarvis e a mulher, Lesley, mergulharam no trânsito, no horário do *rush*.

A primeira a chegar foi Debs Wallis, que trabalhava no restaurante The Plume of Feathers, em Portscatho. O barco salva-vidas do posto da RNLI (Royal National Lifeboat Institution, entidade beneficente que salva vidas no mar das Ilhas Britânicas), que viera de Falmouth, encontrou-a na praia.

Por todo lado, havia golfinhos mortos, flutuando de lado, as nadadeiras para o ar, ou boiando de barriga para cima, a barbatana dorsal batendo na lama do fundo. No total, contaram 24 corpos. “O que será que aconteceu?”, perguntou Debs, atônita.

Na véspera, ela avistara um grande cardume de golfinhos dançando na água, fazendo muitos estalos. Seguiram os de caiaque. Em alto-mar, havia navios e helicópteros da Marinha.

No riacho, quatro golfinhos se debatiam em menos de meio metro de água. Cada movimento da cauda os impulsionava mais para o raso. *Talvez os golfinhos não consigam nadar para trás*, pensou Debs. Pulou na água, abraçou o animal mais próximo, virou-o para o outro lado e lhe deu um empurrão. Depois de pensar um instante, o golfinho saiu nadando. Ela virou os outros e eles foram atrás.

As pessoas chamadas por telefone começaram a chegar, todos profissionais voluntários, treinados pela British Divers Marine Mammal Rescue (Serviço de Resgate de Mamíferos Marinhos dos Mergulhadores Britânicos), entidade beneficente criada em 1988. Seis golfinhos adultos e um filhote nadavam em círculos no canal. Três outros, encalhados na lama, ainda estavam vivos. Caroline Curtis, moça de personalidade forte, decidiu: “Temos de tirar os mortos do caminho e depois levar os vivos para o mar. Não há tempo a perder: a maré está baixando.”

**Conrad Birne trocou as pesadas calças de trabalho por bermudas de al-**

godão. Era o sexto aniversário da filha Neve, e ele prometera ficar em casa para comemorar, mas aquilo era mais importante. Na margem do riacho, dois golfinhos estavam encalhados, com metade do corpo fora da água, a um metro e meio um do outro. Birne se acocorou na lama, massageando e conversando com um deles. Segurou-lhe o bico e manteve sua cabeça fora d’água, para que pudesse respirar. Às vezes, o animal dava um estalo queixoso.

Os golfinhos não estão acostumados com o peso do próprio corpo, que normalmente é sustentado pela água. Quando encalham, podem sofrer lesões internas. Sean Langton, veterinário, verificou os batimentos cardíacos do animal e concluiu que sua respiração estava comprometida, talvez por ter ficado na lama tempo demais. Estava sofrendo, e era óbvio que não sobreviveria. Langton teve de sacrificá-lo com uma injeção.

Os chamados lamentosos do outro golfinho ao companheiro morto vieram mais devagar. Ao não receber resposta, tentou olhar em volta. Uma lágrima rolou pelo rosto do salva-vidas que o segurava. O segundo golfinho foi coberto com um lençol molhado e uma toalha: se a pele secasse, descascaria. “Esse vai sobreviver”, disse Langton.

Do outro lado do rio, Jenny Haley, 29 anos, caiu de joelhos na lama, ao lado do terceiro golfinho encalhado.



Colocou no colo a cabeça do animal. “Tudo vai dar certo, *Madame*”, sussurrou. O golfinho deu um estalo. Sua respiração passara de cerca de cinco para 15 inspirações por minuto, num claro sinal de estresse. Leanne Birtles, 25 anos, empurrou algas por debaixo

A equipe trouxera a “ambulância”, um *trailer* cheio de equipamento que ficava no Corpo de Bombeiros. Os dois golfinhos foram rolados de lado, para pôr um acolchoado por baixo; depois, os ajudantes agarraram as pontas do acolchoado a fim de levá-los até a água.



**Golfinhos mortos boiam entre as algas de Porth Creek, Cornualha; (à direita) um veterinário checa os sinais vitais de um dos golfinhos.**



da barriga do golfinho, para acolchoá-lo. Umedeceu-lhe a pele e fez uma “represa” de gel lubrificante em torno da narina, para manter a água longe. O arborista Seth Neill esticou uma lona sobre algumas varas, para fazer sombra. O veterinário Darryl Thorpe avaliou o animal. “Este aqui é viável, pode voltar a nadar”, decidiu.

Ele achou que a enfermeira veterinária estava fazendo um bom serviço – na Nova Zelândia, as equipes de resgate tinham verificado que os cetáceos costumam reagir melhor às mulheres.

Jenny Haley e sua equipe balançaram *Madame* na água para ajudá-la a recuperar o equilíbrio. Depois de ficar tanto tempo fora do mar, as articulações deviam estar rígidas e os órgãos internos, deslocados. Soltaram-lhe a cabeça, para que conseguisse respirar. Nas duas primeiras vezes, a cabeça afundou, mas, na terceira, *Madame* conseguiu sustentá-la. Enquanto isso, na praia, a Guarda Costeira retirava os golfinhos mortos.

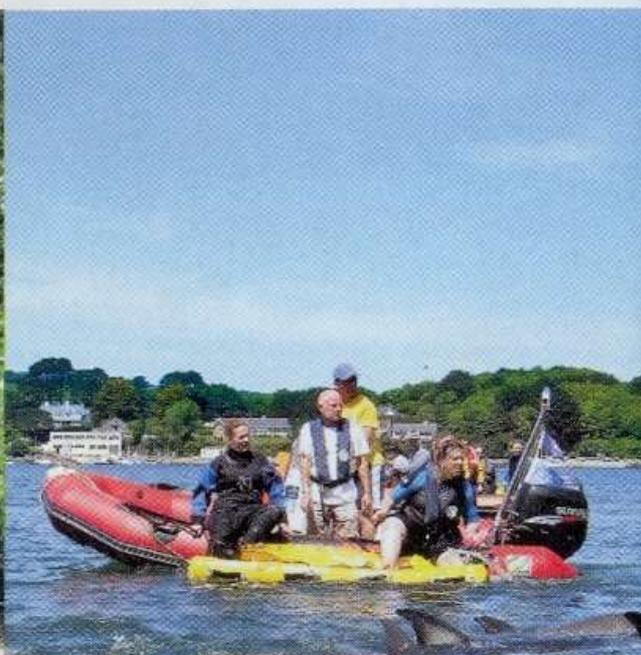
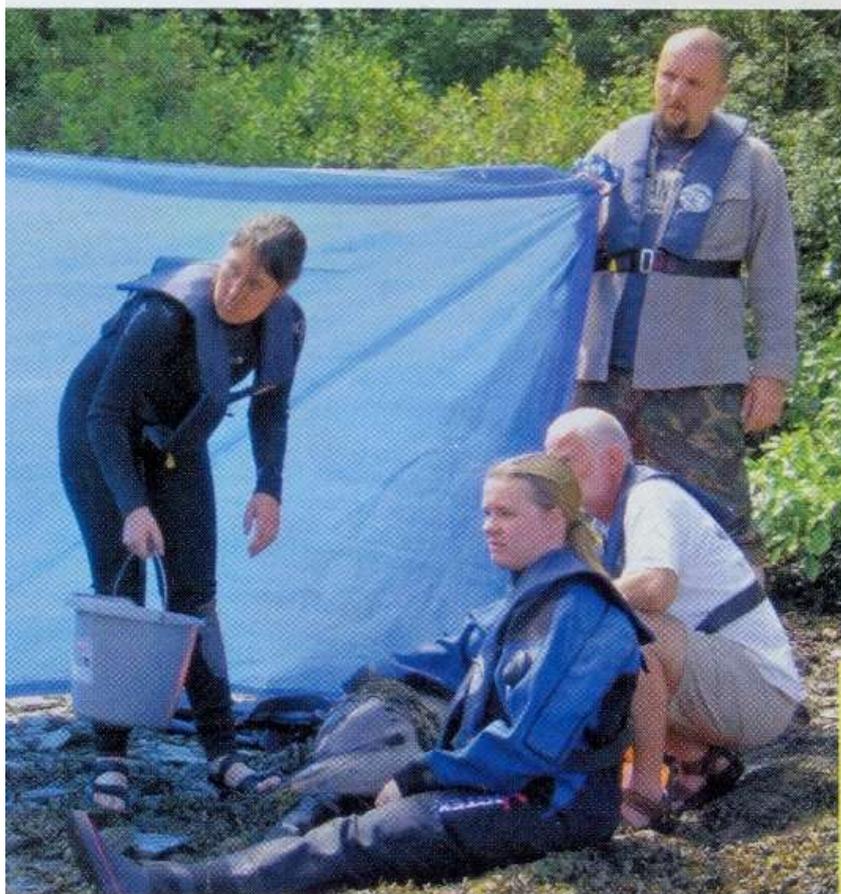
No início da tarde, os dois acolchoados que sustentavam os golfinhos so-

breviventes foram presos a tubos cheios de ar e à lateral de barcos infláveis. Um dos barcos era pilotado por Mark Bowen, 42 anos, que alugava caiaques a turistas em Saint Mawes; o outro, por Iain Webb, dono de um estaleiro rio acima. Os dois avançaram com cuidado.

finho deu estalos mais altos. Parecia dizer: “Estou aqui, está tudo bem.”

– Deu certo! – disse Jenny.

Os sete golfinhos passaram nadando pela frente do barco, como se quisessem ver se *Madame* estava bem. Ela ficou mais barulhenta, soltando asso-



**Jenny Haley (sentada) e a equipe com *Madame* (à esquerda); os veterinários guiaram outros golfinhos até encontrarem o mar.**

– Mais devagar, *Madame* está ficando inundada – avisou Jenny.

– Já estou no mínimo – respondeu Bowen. Mas conseguiu seguir mais devagar, ligando e desligando o motor de popa do barco. Com a água a lhe passar pelas costas, o golfinho se acalmou.

Mas havia um problema. Os sete golfinhos que ainda nadavam em círculos no meio do canal estreito não queriam sair. Então, Caroline teve uma ideia: “Vamos virar o barco e deixar *Madame* de frente para eles.” Assim que a embarcação virou na água, o gol-

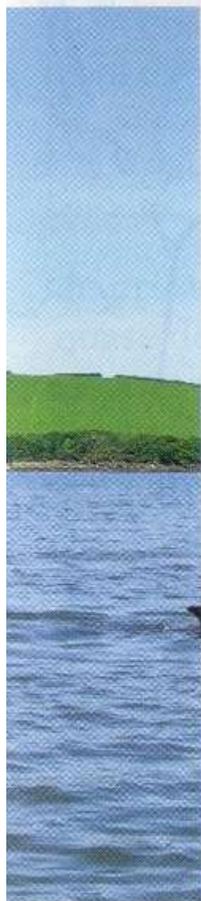
vios e estalos rápidos. Depois, os sete deram meia-volta e foram atrás.

– Estão vindo conosco, continue! – insistiu Jenny.

Os dois barcos infláveis aceleraram rio abaixo, com os sete golfinhos fazendo círculos entre eles e um punhado de barcos atrás, como proteção. Tudo corria de modo perfeito, até que se ouviu um rugido no céu. Um pequeno helicóptero azul se aproximou rapidamente e ficou sobre eles. A água espumou com o vento das hélices; o barulho era ensurdecador.

Todos acenaram, desesperados, mas o piloto nem notou. Os dois golfinhos nos barcos debateram-se. Os sete que estavam livres se espalharam e voltaram ao ponto de partida.

Por fim, o piloto entendeu e se afastou. Agora, a operação toda tinha de recomeçar. Quem estava nos barcos contornou os golfinhos, batendo os remos na água. “Não fiquem aí só nos filmando”, disse alguém à equipe do noticiário da BBC. “Ajudem.” E eles ajudaram.



Mais uma vez, *Madame* foi posicionada para chamar os outros golfinhos. A princípio, eles não reagiram, mas aos poucos avançaram pelo canal. No Rio Percuil, o ritmo se acelerou. Na água mais profunda e limpa, os golfinhos ficaram menos ansiosos, pararam de se agitar e passaram a nadar com mais determinação. Ao contornar o pontal, os salvadores viram uma

massa de triângulos pretos e curvos cortando a água.

“Mais golfinhos!”, disse Jenny. “Devem ser pelo menos uns 50.”

O grande cardume se afastou e se misturou aos outros sete.

**Em Saint Mawes**, havia uma multidão à beira d’água para ver o comboio avançar por entre os iates ancorados. Um golfinho maior seguia à frente dos outros, mostrando o caminho. Na parte principal do porto, os golfinhos se empolgaram. O comportamento mudou.

“Acho que farejaram o mar”, disse Thorpe. Agora, nadavam com mais força. Os pequenos começaram a pular e abanar a cauda, felizes. Os dois que estavam sendo rebocados passaram a respirar com mais regularidade.

Então, o momento mágico: os barcos com os golfinhos se aproximaram e pararam. Thorpe temia libertar os animais. Em terra, os golfinhos enjoam – como os seres humanos em barcos – e se desorientam. Se *Madame* fosse derubada na água, afundaria, e nada poderiam fazer. Assim, soltaram o ar de um dos lados do acolchoado, para que ela baixasse suavemente até a superfície. Com um golpe da cauda, *Madame* se foi. Um instante depois, o outro golfinho a seguiu. Lá longe, os animais deram saltos exuberantes na água.

De volta a Porth Creek, a sensação de triunfo foi diminuída pela imagem dos golfinhos mortos, arrumados em filas. Cientistas do Instituto de Zoologia, em Londres, já faziam as autópsias.

A causa do encalhe em massa continua desconhecida. Moradores do local responsabilizaram os exercícios navais. A Marinha Real britânica tinha dado o alerta de atividade do sonar naquele dia, mas cancelou o exercício. E declarou: “É muito improvável que qualquer atividade naval tenha afetado os golfinhos.”

O resgate envolveu 56 veterinários voluntários e dezenas de ajudantes. Quando Conrad Birne voltou para casa, a festa de aniversário da filha terminara havia tempo, e Neve já estava na cama, mas feliz. “Não se preocupe, papai”, disse ela. “Vi você na TV.”